

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A RELAÇÃO EU-MUNDO DE PAUL TILLICH
E A TEORIA DO SELF DIALÓGICO**

Projeto de pesquisa apresentado pelo
acadêmico Gabriel Iung de Castro Fernandes
à disciplina Metodologia de Ensino e Pesquisa
em Ciência da Religião

Juiz de Fora
2017

1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A percepção do homem sobre si mesmo, ou um modo de compreender sua essência, é um problema que atravessa os séculos de filosofia. De acordo com Charles Taylor, na obra *'As Fontes do Self'*¹, coube a Platão a contribuição preponderante para o início de abordagem reflexiva do indivíduo ocidental. O modelo do herói, sempre em busca de glória, é substituído por uma reflexão acerca da verdade que, no caso de Platão, seria entendida como formas ideias, uma reminiscência do mundo das Ideias.

Alguns séculos depois, Agostinho, leitor de Platão e com o pensamento alinhado ao Neoplatonismo (uma releitura de Platão associada ao Cristianismo), concorda que o mundo das Ideias não pode ser alcançado através da educação. Contudo, acrescenta que o despertar para a razão não significa mera lembrança de algo experimentado anteriormente, mas uma condição divina inata ao indivíduo, uma vez que Deus não somente é o que pode ser conhecido, mas também Aquele que propicia o conhecimento, afinal “Deus não é apenas o objeto transcendente nem apenas o princípio da ordem nos objetos mais próximos, que nos esforçamos por perceber. Deus é também, e, para nós, primordialmente, o alicerce básico e o princípio subjacente à nossa atividade cognitiva” (TAYLOR, 2013, p. 172).

Em suma, ainda de acordo com Taylor, Agostinho consegue, dessa forma, direcionar sua filosofia para o entendimento de *self*, pois Deus está no interior do homem e a reflexão em primeira pessoa corresponde a um retorno a Ele próprio, ou, em outros termos, é capaz de despertar a si mesmo para a verdade fundamental da própria existência. Sendo assim, é possível considerar certa convergência entre Agostinho e o raciocínio moderno de Descartes, uma vez considerada a preponderância da reflexão em primeira pessoa para a busca da verdade (TAYLOR, 2013 p. 185).

Muito embora a filosofia cartesiana tenha reforçado a questão Agostiniana de interioridade, constata-se uma diferença importante de entendimento entre os dois pensadores. Para Descartes, “o objetivo da virada reflexiva é obter uma certeza autossuficiente. O que obtenho no *cogito* e em cada passo sucessivo na cadeia de percepções claras e distintas é exatamente esse tipo de certeza, que consigo gerar para mim ao seguir o método certo” (TAYLOR, 2013 p. 207), ao passo de que a reflexão de Agostinho não corresponde a uma emancipação, mas sim a um senso de dependência de Deus. Encontrar a verdade dentro de si, por si mesmo, possibilitou o indivíduo o autoconhecimento, contudo, sem negar a existência de Deus, pelo contrário, somente provando sua existência por outra abordagem. Além disso,

¹ TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self**: a construção da identidade moderna. Charles Taylor; tradução Adail Ubirajara Sobral, Dinah de Abreu Azevedo. 4ª Ed., São Paulo: Loyola 2013

para Descartes, Deus é muito importante em seu sistema filosófico, muito embora não seja a primeira, e nem a mais fundamental, certeza que surge de suas meditações.

Ainda nos primórdios do pensamento moderno, na tentativa de objetificar a consciência, a fim de conhecê-la dentro dos parâmetros cartesianos, John Locke esclarece o conceito de *self* que será retomado séculos depois por William James.

“pois é pela consciência que tem de seus pensamentos e ações presentes que ele é um *self* para si agora, e portanto será o mesmo *self* enquanto a mesma consciência puder estender-se a ações passadas e futuras; e não seria, pela distância do tempo ou mudança de substância, mais duas pessoas do que um homem por usar hoje roupas diferentes das que usou ontem, como um sono longo ou breve entre elas; pois a mesma consciência une essas ações distantes na mesma pessoa, sejam quais forem as substâncias de contribuíram para sua produção” (LOCKE *apud* TAYLOR, 2013, p. 224)

Para Salgado (2007)², William James, no final do século XIX, concorda com Locke na autoconsciência como entendimento para o *self*, pois “De fato, para Locke, a nossa identidade baseava o constante reconhecimento de sermos a mesma pessoa ao longo do tempo na capacidade de estarmos conscientes de nós mesmos” (SALGADO et al, 2007, p. 10). De acordo com o segmento supracitado, pressupõe-se a necessidade de dois atores, aquele que reconhece e o que é reconhecido. Essa é a grande contribuição de James, pois o teórico bifurca o conceito, distinguindo o Eu empírico³ (ou *self* como sujeito – aquele que conhece) e o Mim (*self* como objeto).

Barresi⁴ (2002), citando James, afirma que o Mim é a soma de tudo que o indivíduo possa chamar de seu (como pessoas, coisas ou pensamento) e que seja capaz de despertar algum envolvimento emocional. Sabe-se, entretanto, que as pessoas reagem de maneira e intensidade distintas em relação a cada um desses objetos que podem ser considerados como parte do *self* (BARRESI, 2002, p. 240). Por exemplo, o Mim pode ser fragmentado em três *selves*, a saber: material, social e espiritual – tendo esse último prioridade entre os demais, por estar relacionado com o fluxo de consciência. Esse fluxo está envolvido no entendimento de James sobre Eu e cada pensamento, independente entre si, teria, em sua concepção, um ponto de vista presente, mas com possibilidade de estabelecer relacionamentos com pensamentos anteriores. Dessa forma, o Eu (*self* como sujeito) assim descrito, é ainda mais difuso do que o

² D’Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha e Salgado. **Self Dialógico**: Um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. Interações NO. 6, pp. 8-31, 2007.

³ Barresi (2002) afirma que o Eu metafísico não é determinante para a compreensão do Eu de James (*self* como sujeito)

⁴ Barresi, John. **From ‘the Thought is the Thinker’ to ‘the Voice is the Speaker’**: William James and the dialogical self.

Mim (*self* como objeto), uma vez que permite maior amplitude de perspectivas e possíveis conflitos decorrentes.

Bakhtin, importante pensador russo, enriquece a discussão entre as múltiplas perspectivas do *self* através do seu conceito de polifonismo, incorporado pelo dialogismo como as múltiplas vozes representantes dos diferentes pontos de vista.

De acordo com Barresi (2002, p .243), a chave para entender a contribuição de Bakhtin para o *self* é a divisão radical entre o que faz parte ou não do indivíduo baseado em informações de perspectiva de primeira e terceira pessoa. Em suma, a informação em primeira pessoa está relacionada a própria vivência do indivíduo em determinada atividade e a informação de terceira pessoa significa a experiência da observação do outro. Vale ressaltar que tais informações podem ser concretas ou imaginativas. Bakhtin, ainda segundo Barresi, acrescenta que a auto avaliação do *self* pressupõe a necessidade de integração dessas visões, muito embora as posições epistemológicas do ator e do observador não possam ser mescladas. Por mais que se faça um esforço para analisar si mesmo de uma perspectiva externa, sempre o ponto de vista do próprio *self* continua sendo considerado de alguma maneira.

Essa interação entre primeira e terceira pessoa é necessária para o entendimento do romance polifônico de Bakhtin. O *self* pode ser constantemente alterado; e, mesmo o seu passado, pode ser resignificado através de interpretações de outro ponto de vista. Porém, nessa teoria, só é possível conhecer a si mesmo quando se está imerso em relação com outros, de modo a compreender melhor possível as informações de terceira pessoa.

De acordo com Freire & Branco (2015)⁵, George Herbert Mead foi mais um teórico que ajudou a definir o escopo do que viria a ser o *self* dialogal. Seu pensamento contribui principalmente na definição de *self* autor-ator, preponderante para descrição do sujeito como objeto de si próprio. O Eu é capaz de interpretar as atividades do Mim, bem como projetar o futuro e reinterpretar o passado. Mead, junto com William James e Mikhailovic Bakhtin são a base para Hermans, na década de 1990, lançar a Teoria do *Self* Dialógico “em uma perspectiva relacional, dialógica e dinâmica”.

Dado que o indivíduo existe historicamente é esperado que assuma diversos papéis sociais de acordo com a cultura na qual está inserido, tais como posição familiar, profissional, acadêmica, política dentre outras. Freire & Branco (2015, p. 27) explica que a teoria de Hermans busca compreender como os vários *selves* dialogam consigo mesmo e com o *não-self* visando a dinâmica desses papéis sociais. O objetivo dessa comunicação incessante é o

⁵ FREIRE, Sandra e Branco, Angela. **A Teoria do Self Dialógico em Perspectiva**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jan-Mar 2016, Vol. 32 n. 1, pp. 25-33, 2015.

desenvolvimento de um *self* mais coeso com o sujeito, muito embora seja preciso destacar os possíveis conflitos e contradições que esse processo deixa suscetível e até mesmo mudanças de opinião, uma vez que o diálogo é um processo de negociação.

Como os papéis sociais, fruto dos *selves* negociados, são determinados num ambiente sócio cultural, é preciso conhecer sua dinâmica na concepção do *self* individual. Jacob Belzen (2009)⁶ defende o viés de psicologia cultural inerente ao *self* dialógico, classificando essa ligação entre cultura e *self* como um “*insight* original e elegante” (2009, p. 142). Na interpretação do autor, o *self* é concebido por uma história pessoal projetada e estruturada culturalmente em algum estágio sócio-histórico. Por sua vez, outro *insight* elegante que o autor da obra “*Para um Psicologia Cultural da Religião*” apresenta é a relação da teoria de Hermans com a religião, uma vez que o *self* dialógico

“apresenta o *self* como evocado e estruturado por um *setting* cultural diversificado e as visões do *self* como um conjunto de relacionamento com outros “reais” bem como com outros “imaginários” vindos de diferentes domínios da História, de algum passado pessoal, mas também de uma experiência mística ou de um domínio espiritual do passado” (BELZEN, 2009. P. 142).

Citando Hermans e Kempen (1993 e 2003), Belzen destaca que, considerando a construção narrativa do mundo, um indivíduo familiarizado com alguma religião pode se relacionar com os mais diversos vetores espirituais que conhece e estabelecer diálogos entre eles. Tendo em vista o aspecto cultural da religião é possível sondar seus impactos na existência dos indivíduos ao se observar hábitos e narrativas.

Hubert Hermans, quem desenvolve a Teoria do *Self* Dialógico, sugere que uma relação simbólica (talvez como a religião) tem, de fato, influência no processo dialógico. Isso ocorre porque um símbolo “pode evocar uma história particular na vida de uma pessoa e, como tal, funciona como uma entrada para contato com posições contrárias visíveis ou invisíveis” (2002, p. 156)⁷. O intercâmbio subjetivo e a dominação também são características do *self* dialógico. Por dominação entende-se a influência que uma voz particular pode ter dentro de uma narrativa em detrimento das demais. Dessa forma, essas vozes “poderosas” têm, segundo Hermans, maior oportunidade para se expressar do que as demais e, portanto, essas vozes têm maior oportunidade para se reestruturar como parte do *self* de uma pessoa, este que é capaz de ordenar os atores subordinados da narrativa.

⁶ Belzen, Jacob. **Towards Cultural Psychology of Religion: Principles, Approaches, Applications**. Springer Science+Business Media B. V., 2010

⁷ Hermans, Hubert. **The Dialogical Self as a Society of Mind**: Introduction. *Theory & Psychology*, 2002, 12 (2), 147-160

Contudo, será possível afirmar que a relação introspectiva e de envolvimento simbólico de fato encontra lastro na religião? O teólogo alemão Paul Tillich, na obra *Teologia da Cultura*, buscou localizar em qual âmbito da vida humana reside a religiosidade. Constatou que a religião não está ligada a uma esfera da existência (moral, estética, etc.), ao contrário, está relacionada com todas as funções da vida, diferindo apenas no seu grau de envolvimento. Em outros termos, a religião está presente em toda atividade humana, desde que no seu envolvimento mais radical, na sua dimensão mais profunda. Tillich então descreve a religião, de forma geral, como preocupação suprema. Vale destacar que o secular e o sagrado nesse pensamento estão associados, uma vez que a religião, ao invés de ocupar um local específico na vida humana, está alocada em todas as atividades cotidianas.

“A religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana e pelo barulho de nosso trabalho secular. Dá-nos a experiência do sagrado, intangível, tremendamente inspirador, significado total e fonte de coragem suprema. Eis aí a glória do que chamamos de religião. Mas, além dessa glória, também aparece sua vergonha, quando ela se transforma em absoluto e despreza o mundo secular;” (TILLICH, 2009, p. 45)⁸

Dado que as interações cotidianas de um indivíduo são influenciadas por sua cultura, Tillich (2009) prossegue na explanação da *preocupação suprema* afirmando que a “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião” (2009, p. 83). A linguagem, por exemplo, é uma criação da cultura humana e pode ser empregada para expressar a preocupação suprema. Contudo, em outra obra, denominada *Teologia Sistemática*, Paul Tillich chama atenção para as mudanças que a natureza humana sofre na história, muito embora exista uma estrutura imutável e apriorística para compreender a interação do *self* com o ambiente.

A relação Eu-Mundo é a base na qual Tillich (2005) assenta seu raciocínio ontológico. “A auto-relação está implícita em toda experiência. Há algo que “tem e algo que é “tido”, e os dois são um. A questão não é saber se os *eus* existem. A questão consiste em saber se estamos conscientes da auto-relação” (2005, p. 179)⁹. O homem é capaz de formular a pergunta acerca de sua própria essência e também é privilegiado por poder, através da autoconsciência, encontrar a resposta para essa questão ontológica. Apesar disso, Tillich afirma que o ser humano é o objeto mais difícil na análise reflexiva.

⁸ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal 2005

⁹ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009

2 JUSTIFICATIVA

O *self* dialógico trata de uma abordagem psicológica relativamente recente, tendo sido as principais publicações sobre o tema produzidas nos últimos anos. No entanto, essa teoria encontrou ressonância em diversos segmentos das Ciências Humanas, ainda que em volume aquém do desejado na academia lusófona. Dentro do campo da Psicologia Cultural estão sendo encaminhadas diversas investigações e aperfeiçoamentos na metodologia do *self* dialógico e diversas críticas. Freire & Branco (2015) chamam atenção, principalmente, para o que tange a episteme do Eu como autor da sua própria narrativa de vida. Outro ponto sensível abordado pelas autoras é o pragmatismo da teoria, uma vez que o *self* dialógico, considerando o indivíduo como ator social, pode incorrer a certa adequação do indivíduo a uma moral vigente.

O presente trabalho se propõe a observar o *self* dialogal e suas relações com os escritos do teólogo Paul Tilich, suas relações e interações com o indivíduo na interpretação. Muito embora, como alertou Belzen (2009), essa teoria seja alheia a qualquer avaliação de ordem teológica, seu claro entendimento enquanto conceito psicológico não pressupõe superioridade do ser religioso sobre os demais. Dessa forma, o intuito do projeto é enriquecer o debate contemporâneo sobre o papel do campo religioso para o ser humano e para a sociedade à luz de uma interpretação ainda pouco estudada, sempre em vista de uma abordagem crítica e contextualizada para a problemática delimitada.

3 OBJETIVOS

O presente trabalho tem a intenção de analisar, na perspectiva do *self* dialógico, o pensamento de Paul Tilich, na maneira como o ser humano enxerga a si próprio num viés reflexivo, e compreender, paralelamente, se o “Eu que conhece” pode ser arbitrado sócio culturalmente.

Paralelamente espera-se também: auxiliar na compreensão da dinâmica contemporânea do cenário religioso; analisar criticamente as dificuldades epistemológicas na Teoria do *Self* Dialógico; fomentar, com uma abordagem relativamente recente, a discussão na área da Psicologia Cultural da Religião e na Filosofia da Religião; estabelecer uma breve relação entre diferentes culturas diante do *self* dialógico, e buscar similaridades e divergências entre elas.

4 PROBLEMA

Existe alguma maneira de fazer uma leitura do problema epistemológico proposto por Paul Tilich na perspectiva do *self* dialógico? Considerando a abordagem na qual o indivíduo encontra a si mesmo negociando constantemente em uma construção narrativa, qual é o papel de Deus nessa concepção de indivíduo? De que forma os valores religiosos influenciam os papéis sociais das pessoas na sociedade?

5 HIPÓTESE

O Cristianismo representa um sistema de fé assentado há pelo menos dois mil anos, porém, ainda mais antiga é a ideia monoteísta. Em várias tradições religiosas, mesmo nas politeístas, verifica-se uma tendência de centralização em um deus, que seja mais infalível e supremo do que os demais¹⁰. Considerando a influência, ao menos ocidental, das grandes religiões monoteístas, é sabido que a noção de perfeição ou uma verdade única não é culturalmente alheia, sobretudo no Cristianismo.

Há também, nos estudos do *self* – como se verificou em William James, exposto no referencial teórico do presente projeto –, a existência de um Eu que conhece. De certa maneira, assim como Mead, existe uma unidade, uma instância superior dentro do próprio indivíduo, capaz de analisar o mundo ao seu redor. Essa ideia de um Eu “absoluto” é substituída no *Self* Dialógico por um Eu maleável em constante reinvenção. Apesar disso, Hubert Hermans, o principal teórico dessa corrente, admite, como exposto nas seções anteriores, relação de dominação entre os *selves*.

Levando em conta a familiaridade da cultura ocidental em buscar uma verdade única e perfeita com os pressupostos de dominação entre um *self* sobre os demais, a hipótese central para a solução da problemática proposta é que o Cristianismo representa de fato uma voz dominadora, de maneira geral, sobre muitos outros aspectos da vida nas interações dialógicas. Aliado a isso, está o fato de que essa vertente religiosa, mesmo nos setores mais seculares da sociedade, exerce influência preponderante sobre o senso moral. Em outros termos, aquilo que é certo ou errado, acaba sendo influenciado direta ou indiretamente pela cultura cristã. Dessa maneira, espera-se constatar que o viés espiritual não somente é uma voz poderosa dentro de uma narrativa, mas também condicionadora do diálogo em si.

¹⁰ Stanford Encyclopedia of Philosophy. **Monotheism**: Monotheism's Origins. Disponível em < <https://plato.stanford.edu/entries/monotheism/> >

6 METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizará, enquanto método, a pesquisa bibliográfica. Por sua vez, o trabalho também é uma pesquisa conceitual envolvendo uma teoria psicológica e contém “os enunciados verbais de uma teoria psicológica compõe uma trama conceitual que compõe uma trama conceitual ou uma rede de conceitos, que, espera-se, sejam articulados entre si de modo coerente e não contraditório, fornecendo uma definição e explicação dos fenômenos psicológicos” (Laurenti, Lopes & Araújo, 2016)

Uma vez selecionados os textos para a pesquisa bibliográfica, sua interpretação será orientada pelo *Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto*, que, ainda de acordo com os autores supracitados, é dividido em quatro etapas, a saber: a) levantamento dos principais conceitos do texto; b) caracterização das teses do texto; c) elaboração de esquemas; d) síntese interpretativa.

7 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

As atividades da dissertação acontecerão conforme destacado no cronograma abaixo. As datas previstas para a qualificação, defesa e entrega da dissertação serão fornecidas pela instituição e seguidas pelo discente.

Atividades	Mar-Jul 2018	Jul-Nov 2018	Dez 2018	Mar-Jul 2019	Jul-Nov 2019
Cursar disciplinas em sala de aula					
Levantamento bibliográfico					
Revisão da literatura					
Redação do projeto para qualificação					
Revisão do projeto de qualificação					
Elaboração da dissertação					

8 BIBLIOGRAFIA

BARRESI, John. **From ‘the Thought is the Thinker’ to ‘the Voice is the Speaker’**: William James and the dialogical self.

BELZEN, Jacob. **Towards Cultural Psychology of Religion**: Principles, Approaches, Applications. Springer Science+Business Media B. V., 2010

D’ALTE, Petracchi, Ferreira, Cunha e Salgado. **Self Dialógico**: Um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções* NO. 6, pp. 8-31, 2007.

FREIRE, Sandra e Branco, Angela. **A Teoria do Self Dialógico em Perspectiva**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jan-Mar 2016, Vol. 32 n. 1, pp. 25-33, 2015.

HERMANS, Hubert. **The Dialogical Self as a Society of Mind**: Introduction. *Theory & Psychology*, 2002, 12 (2), 147-160

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self**: a construção da identidade moderna. Charles Taylor; tradução Adail Ubirajara Sobral, Dinah de Abreu Azevedo. 4ª Ed., São Paulo: Loyola 2013

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal 2005

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009